

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA - DARQ

DIOGO GOMES

ETNOARQUEOLOGIA- UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

LARANJEIRAS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA - DARQ

DIOGO GOMES

ETNOARQUEOLOGIA- UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Roberto Pellini

LARANJEIRAS
2014

BANCA EXAMINADORA

Aprovação ____ de _____ de 20____

Prof. Dr. José Roberto Pellini (Orientador) DARQ/UFS

Prof. Dr.

Prof. Dr.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, a minha família, amigos e a todos que me incentivaram na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me inspirou durante a realização deste trabalho.

Meus familiares que me apoiaram e me deram força, durante mais esta etapa da minha vida. Aos amigos João Mouzart de Oliveira Jr, Gilvan Santos, Hélio Oliveira, pelos incentivos e críticas na realização deste trabalho.

A José Roberto Pellini, por me aceitar como orientando.

E aos demais, que contribuíram de alguma forma para a elaboração desta monografia.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a literatura sobre Etnoarqueologia. A metodologia aplicada deteve-se no levantamento bibliográfico e na sua respectiva análise que se propõe perceber os estudos acerca das sociedades contemporâneas que dialogam respectivamente com a cultura material, a fim do entendimento das sociedades passadas. Um dos fatores que instigou o desenvolvimento desta pesquisa foi o aumento da produção acadêmica e suas diferentes abordagens e definições, deste modo, tal pesquisa torna-se crucial para compreender as discussões que a temática suscita no campo da Arqueologia. Contudo, a Etnoarqueologia pode ser vista como uma subdisciplina da Arqueologia que serve como uma ampla ferramenta do conhecimento e contribui de fato para o desenvolvimento de novas abordagens e perspectivas metodológicas para o campo em questão.

.

Palavras-chave: Etnoarqueologia - Arqueologia -Perspectiva etnoarqueológica.

ABSTRACT

This study aims to examine the literature about Ethnoarchaeology. The methodology applied was arrested in bibliographic and its respective analysis that intends to realize the studies of contemporary societies that dialogues respectively with material culture, like the understanding of past societies. One of the factors that prompted the development of this research was to increase academic production and their different approaches and definitions, thus such research becomes crucial to understand the discussions that the issue raised in the field of archeology. However, Ethnoarchaeology can be viewed as a sub-discipline of archeology which serves as a tool broad indeed knowledge and helps to develop new methodological approaches and perspective for the field in question.

.

Keywords: Ethnoarchaeology - Archaeology - ethnoarchaeology Perspective.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| DEDICATÓRIA | 4 |
| AGRADECIMENTOS..... | 5 |
| RESUMO | 6 |
| ABSTRACT..... | 7 |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 : ETNOARQUEOLOGIA- UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 11 |
| 1.1. Definições em Etnoarqueologia | 14 |
| CAPÍTULO 2 : O MÉTODO ETNOARQUEOLÓGICO: TEORIA E PRÁTICA | 17 |
| 2.1. O método etnoarqueológico – 1ª fase: o contexto da Teoria e o levantamento pré-campo | 18 |
| 2.2. O método etnoarqueológico – 2ª fase: o trabalho de campo | 21 |
| 2.3. O método etnoarqueológico – 3ª fase: organização das informações e interpretação..... | 24 |
| CAPÍTULO 3 : ESTUDOS DE CASO EM ETNOARQUEOLOGIA | 26 |
| 3.1. “O Poti Velho: uma abordagem etnoarqueológica” | 26 |
| 3.2. “Para uma Etnoarqueologia da Cerâmica Mati” | 29 |
| 3.3. “Aplicaciones de la Etnoarqueología para interpretar el registro arqueológico de los cazadores-recolectores del pasado. Tres ejemplos de América del Sur” | 31 |
| 3.3.1. Nukak: Amazônia Colombiana | 31 |
| 3.3.2. Los patrones de descarte de hueso y vegetales entre los Hoti | 32 |
| 3.3.3. El descarte de las flechas entre los Awá..... | 33 |
| 3.4. “A produção cerâmica como reafirmação de identidade Étnica Maxakali: um estudo etnoarqueológico” | 34 |
| 3.5. “Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais” | 38 |
| 3.6. Discussão | 42 |
| CAPÍTULO 4: ETNOARQUEOLOGIA E COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS | 42 |
| 4.1. “Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares” | 44 |
| 4.2. “Coleções etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações” | 45 |
| 4.3. “O museu Kuahí: uma inserção dos Povos indígenas do Baixo Oiapoque no contexto regional e nacional” | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 49 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 52 |
| ANEXOS..... | 55 |

INTRODUÇÃO

Os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre a perspectiva da Etnoarqueologia tanto em âmbito Mundial como Nacional, buscam de forma geral analisar uma determinada sociedade viva, com o objetivo de entender os diversos contextos relacionados com a produção material humana sob um enfoque arqueológico, ou seja, tais arqueólogos traçam métodos e técnicas que possibilitem ampliar o conhecimento arqueológico a respeito da relação entre a humanidade e sua produção artefactual. Por outro lado a Etnoarqueologia proporciona fazer uma ciência mais próxima do cotidiano de diferentes grupos seja eles relacionados ao presente ou ao passado, deste modo, nos últimos tempos o campo da Arqueologia vem se transformando e a atuação do arqueólogo vem assumindo diferentes vertentes dentro da sociedade.

A presente monografia se propõe a fazer uma revisão bibliográfica acerca da Etnoarqueologia, subdisciplina da Arqueologia que lida com parâmetro analógico, ou seja, como método comparativo para a compreensão entre sociedade atual e remanescente.

O estudo da Etnoarqueologia surgiu inicialmente no trabalho de Jesse W. Fewkes, em 1900, ocasião em que estudava os ritos contemporâneos dos Hopí, com o objetivo de compreender a sociedade em questão. (POLITIS, 2002).

Atualmente a definição de Etnoarqueologia está relativamente estabelecida, embora possa variar em alguns aspectos a depender não somente da visão de cada autor, mas da época e dos objetivos de estudos que a formalizam (CASTAÑEDA, 2007; POLITIS, 2010).

A necessidade de uma revisão bibliográfica se impõe devido à grande quantidade de diferentes definições sobre o que é e o deve fazer a Etnoarqueologia. Assim, um dos fatores que instigou o desenvolvimento desta pesquisa foi o aumento da produção acadêmica e seus diferentes enfoques e acepções, neste sentido, tal pesquisa torna-se crucial para compreender as discussões que a temática suscita no campo da Arqueologia.

A bibliografia sobre Etnoarqueologia nesta pesquisa oferece um desafio e uma importante crítica, pois foi preciso estar atento no desenvolvimento deste conceito por diferentes pesquisadores, observando que os trabalhos foram constituídos ora pela escola processualista (ligando a uma ideia de ciências naturais) e ora pela escola pós-processualista (relacionado a uma ideia de ciência social). Porém, ao se debruçar sobre a literatura verificamos que existem algumas pesquisas que não há uma clara explicitação de que escola teórica é adotada para o desenvolvimento dos trabalhos, ou seja, mesmo quando ainda o pesquisador expõe o objetivo principal de seu estudo ao leitor.

Ao realizar o levantamento bibliográfico, percebemos que as pesquisas em geral, tanto a nível internacional e nacional enfatizaram como tema principal as populações indígenas no passado e no presente. Outras pesquisas ressaltaram os museus e os espaços urbanos.

Afim de discutir esse e outros pontos, estruturamos esta monografia em quatro capítulos. No primeiro capítulo, fazemos um levantamento historicista a respeito da introdução dos conceitos etnoarqueológicos para a Arqueologia.

No segundo capítulo, apresentamos a Etnoarqueologia, que objetiva trabalhar com questões de cunho teórico e metodológico de forma a propiciar um estudo direcionado e sistemático para o pesquisador. Mostramos que um planejamento, tanto pré-campo, quanto pós, pode contribuir positivamente para um estudo qualitativo na Etnoarqueologia.

O terceiro capítulo expomos os estudos de casos, em que reunimos importantes trabalhos, realizados no âmbito da Etnoarqueologia, para melhor compreensão deste tema.

Para o quarto capítulo, fizemos a junção dos temas Etnoarqueologia e coleções museológicas, em que definimos a importância da multidisciplinaridade, à luz de vários autores, para conhecer e entender os diversos grupos e sua significância dentro da esfera social.

Por fim, apresentamos como conclusão uma concepção geral da Etnoarqueologia hoje, com foco na sua aplicação no Brasil, a partir das diferentes perspectivas coletadas no levantamento de campo presente nos textos literários, observando as suas entrevistas e as coleções museológicas.

CAPÍTULO 1: ETNOARQUEOLOGIA- UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O pontapé inicial da Etnoarqueologia, se inicia com Jesse W. Fewkes, no final do século XIX, estudando os ritos contemporâneos dos Hopi no norte do Arizona. O trabalho de Fewkes, foi um dos aspectos que inspiraram arqueólogos do século XX como: Lewis Binford (1967), Richard Gould (1969), Richard Lee (1979), primeiros pesquisadores a realizarem trabalhos em comunidades contemporâneas, estes autores queriam construir a base necessária para uma leitura compreensível dessas sociedades, levando em conta os dados obtidos da cultura material e a análise do comportamento, esse processo motivou os pesquisadores a estudarem a sociedade atual, com o objetivo de entender as sociedades do passado.

Nas primeiras décadas do século XX, a Etnoarqueologia já estava bem difundida, mas muitos pesquisadores limitavam o uso de analogias nas interpretações arqueológicas. Entende-se, com isso, que uma analogia entre presente e passado, pode ser realizada se existir uma continuidade histórica comprovada entre a população a ser estudada. No decorrer do século XX, a Arqueologia critica o evolucionismo. Os autores evolucionistas tentam explicar que uma cultura pode ser mais evoluída do que outra, sendo que na realidade cada cultura tem suas particularidades e deve ser levado em consideração na qual “uma cultura não é melhor e nem pior que outra”. A Arqueologia se voltou com menor interesse na analogia como recurso interpretativo até meados do século XX, pela insegurança de uma interpretação precisa nos dados arqueológicos.(TRIGGER,1992).

Na década de 70, do século XX, a Arqueologia processualista, pensada por Binford, fez surgir inúmeras teorias e hipóteses sobre os modos de vida das sociedades vivas, nesse momento a ideia de Etnoarqueologia e analogia ganharam destaque.(KENT, 1984; WATSON,1979).Em um longo caminho percorrido pela Etnoarqueologia, Binford (1967) e seus seguidores utilizaram o estudo voltado para a cultura material de “sociedades vivas”, a partir de um viés que privilegiava os aspectos tecno-funcionais em detrimento dos aspectos simbólicos e sociais associados a cultura material. (POLITIS, 2002, p. 73).

A Etnoarqueologia ganhou maior impulso a partir da década de 90, com o advento da escola Pós-processualista, em que a Etnoarqueologia se atentou ao campo das interpretações. Segundo Politis (2002), para os pós-processualistas, a Etnoarqueologia é uma ciência histórica, que analisa o entendimento dos fenômenos materiais e sociais na sociedade, ou seja, compreender os artefatos como manifestações materiais da cultura. Os seus precursores, Clark (1988) e Hodder (1991), ampliaram e deram melhores definições a essa nova abordagem. Seus estudos se expandiram para além dos fatores tecnológicos e econômicos, incluindo o entendimento de todos os processos sociais, culturais e ideológicos. A partir deste período, os estudos etnoarqueológicos tiveram maior diversidade em seus temas e um aumento significativo em projetos sul-americanos (ROBRAHN-GONZÁLES, 2000).

1.1. Definições em Etnoarqueologia

Castañeda (2007), mostra que ainda hoje há uma certa confusão sobre a exata definição do que é Etnoarqueologia, segundo ele há três diferentes definições que são interligadas na bibliografia: (1) Etnografia arqueológica – no qual a Etnografia é um método da Arqueologia; (2) Etnografia (ou Antropologia) da Arqueologia – na qual a Arqueologia é um objeto da Etnografia; e (3) Arqueologia etnográfica – em que a Arqueologia é um sujeito da etnografia. No primeiro campo, o papel da etnografia é o de prover métodos úteis à Arqueologia como ferramenta para investigar facetas específicas do passado (ou do presente) e a cultura material é usada para entender o passado. O segundo caso, a “Antropologia da Arqueologia”, se utiliza como um método principal da Etnografia e, conseqüentemente faz uso de uma abordagem antropológica. E em terceiro a “Arqueologia etnográfica”, que é uma forma de abordagem mais ampla de uma ciência mais flexível, ou seja, comunga com outras áreas do conhecimento como: turismo, patrimônio, museus, nacionalismo, e identidade indígena.

Castañeda lista os métodos etnográficos mais importantes para a Etnografia arqueológica. Resume em: analogia etnográfica, isto é, a identificação e a aplicação de práticas culturais e costumes contemporâneos como prováveis analogias para o padrão comportamental no passado; a história oral e entrevistas; e a observação do “participante”, ou seja, do arqueólogo, tanto de forma experimental (Arqueologia experimental, que é vivenciar práticas e costumes e recriar experiências do “passado”) quanto de forma indireta (observação “informal”, por meio do levantamento de contextos culturais, econômicos, político e sociais nos quais esteja inserido o estudo arqueológico) (CASTAÑEDA, 2007).

A definição de Etnoarqueologia é claramente conceituada por David, como:

“La Etnoarqueologia incluye el campo, de estudio de la producción, tipología, distribución, consumo, y descarte de la cultura material, con especial referencia a los mecanismos que relacionan variabilidad y la variación al contexto sociocultural

y a la interferencia de los mecanismos de procesos del cambio cultura”(DAVID,1992).

Além da definição de David(1992), a definição de Silar (2000,p.8) é também considerável: *“The study of how material culture is produce, used and deposit by contemporary societies in relation to the wider social, ideological, economic, envirarmental and or problems of interpreting archaeological material”*. Em geral, a Etnoarqueologia é uma ferramenta para a Arqueologia, que obtém informações da cultura material das sociedades e do comportamento humano em seu cotidiano, nas diversas variações de ordem cosmológica. O estudo etnoarqueológico é entendido como uma das melhores vias para fazer um estudo analógico, ou seja, comparar sociedades presentes e utilizar este contexto como parâmetro para compreender e buscar interpretações de sociedades remanescentes.

Ao adentrar ao raciocínio analógico, é preciso aceitar que existem algumas diferenças entre as coisas que estão sendo comparadas, o que não invalida as comparações.(HODDER,1982). Tal perspectiva, baseia-se no entendimento do homem interligado à cultura material em seus variados aspectos de representação desde o comportamento humano, formas de assentamentos, fabricação e uso dos objetos, a cosmologia e tantas outras.

Segundo Silva (2009), a Etnoarqueologia não deve ser vista como uma forma de analogia direta, mas de maneira interpretativa nos trabalhos etnoarqueológicos, afim de estudar o passado ou até mesmo o presente. A Etnoarqueologia busca analogias ou interpretações entre presente e passado das mais variadas culturas e há uma preocupação em compreender a identidade cultural de cada uma delas, seja no aspecto econômico até o social de cada sociedade.

Politis(1995), compreende a Etnoarqueologia a partir de três aspectos:

1. Buscar relações recorrentes entre a conduta humana e cultura material.
2. Gerar modelos e propor seus derivados materiais contextualizados dentro de ordens sociais e ideais, abordando sistemas mais complexos.
3. Para entender e explorar outras formas de pensamento.

Segundo Politis(1998), a grande maioria dos projetos etnoarqueológicos é vista como explicações tecnológicas e influências deterministas ambientais referentes à cultura material. Além disso, o pesquisador deve buscar novas estratégias que vão além desses fatores, para isso ele propõe as três estratégias mencionadas acima. Todas as causas técnicas, funcionalidade dos objetos, estruturas sociais, econômicas e culturais estão presentes nas sociedades e podem ser trabalhados simultaneamente, para somar significados mais consistentes nos objetos em uma sociedade. Na intenção de interpretar os aspectos simbólicos da cultura material, tendo em vista uma maneira metódica, o arqueólogo utiliza-se da etnohistória (fontes escritas ou relatos de viajantes) ou fontes orais (entrevistando a própria sociedade a ser estudada).

Estudar a Etnoarqueologia sobre uma visão tecno-econômica é vital e importante para identificar o comportamento humano, mas isto não é suficiente para o estudo etnoarqueológico. Além das estruturas tecno-econômicas, o pesquisador deve se aprofundar na construção histórica, social e ideológica de uma sociedade, de fato ter um entendimento muito mais amplo dos registros arqueológicos das sociedades na América do Sul (POLITIS,1998).

Hoje em dia, a Etnoarqueologia está se manifestando em variáveis graus de complexidade, principalmente nas questões econômicas, sociais e ideológicas, relacionados aos aspectos de materialidade. Dentro desse princípio, está a “variedade hermenêutica”, que tenta mediar o significado através da interpretação do próprio pesquisador em uma determinada sociedade. Essa “variação hermenêutica” está diretamente ligada à ideia do *emic*. A definição de “emic” é bastante utilizada pelos antropólogos, e consiste em pelo menos dois tipos de comportamentos humanos, introduzidos na Antropologia cultural: a significação de “como o povo pensa” e o “eu” (pesquisador).Essas variações têm grandes influências diretas no posicionamento das pesquisas etnográficas (HODDER, 2002).

O Etnoarqueólogo pode utilizar o “emic” em suas pesquisas de campo, mas normalmente percebemos que grande parte do volume dos trabalhos acadêmicos, o pesquisador passa um curto período em campo, em relação aos estudos etnográficos. Mas em contrapartida, é possível incluir estadias em campo por um período basicamente não tão extenso e abordar estratégias específicas para obter o tipo de informação relevante ao estudo direcionado do pesquisador (POLITIS,2002).

Uma grande parte dos arqueólogos se atenta a trabalhar com a Etnoarqueologia hermenêutica, para a interpretação dos significados de objetos em um contexto simbólico e ideológico. A grande problemática desta metodologia é entender o valor simbólico dos objetos, uma vez que o significado dos objetos sofre variações de uma cultura para a outra e, além disso, podem ser modificados ou até mesmo transformados. Propor estudos e entender estas variações culturais ao longo do espaço e tempo seria muito interessante para o registro das sociedades vivas na Etnoarqueologia (HODDER, 2002).

No Brasil, a Etnoarqueologia vem sendo tratada, principalmente no que diz respeito a laudos antropológicos, sobre comunidades indígenas no país, Silva (2001) e Politis (2007) e Oliveira (2010) são exemplos dos diversos tipos de trabalhos referentes ao estudo de sociedades contemporâneas, usando o conhecimento arqueológico (MARQUES, 2009). A Etnoarqueologia ocupou espaço e dimensão em 1990, pelos primeiros trabalhos realizados no país, e abriu margem para uma Arqueologia voltada para os estudos etnoarqueológicos. As motivações da Etnoarqueologia se estabeleceram na busca para entender os variados grupos étnicos indígenas. A partir deste momento, a Etnoarqueologia se desenvolve utilizando outros campos de estudos para a definição de suas pesquisas, ampliando assim questões diversas como patrimônio, identidade cultural, contextos sociais, culturais e econômicos.

De uma forma geral, a bibliografia brasileira nos apresenta duas ideias principais sobre a definição de Etnoarqueologia. A primeira enfatiza as analogias, e a segunda aponta para uma linha das interpretações. Assim, estas duas linhas compõem o desenvolvimento teórico conceitual das pesquisas etnoarqueológicas no Brasil. A combinação destes dois conceitos, tratando sobre o estudo da Etnoarqueologia abrange para uma reflexão muito ampla para a Arqueologia e o pesquisador.

CAPÍTULO 2 : O MÉTODO ETNOARQUEOLÓGICO: TEORIA E PRÁTICA

O entendimento acerca do conceito e da definição de Etnoarqueologia encontra variações a depender da época em que foi formulado e dos autores que o formularam. O método etnoarqueológico pode ser apresentado de uma ou outra forma a depender principalmente das intenções das diversas pesquisas etnoarqueológicas realizadas. Porém, o método etnoarqueológico em si deve sempre contemplar os objetivos da Etnoarqueologia e colaborar para o alcance de resultados que tenham importância para o conhecimento arqueológico construído.

Sintetizando o que diz Politis (2002) sobre os objetivos da Etnoarqueologia, pode-se dizer que este campo da ciência busca investigar a sociedade presente e identificar processos culturais que sirvam de análogos [do passado] para auxiliar o entendimento arqueológico, principalmente no que diz respeito à cultura material. Portanto, o método etnoarqueológico deve organizar escolhas e ações que contribuam para a investigação de sociedades e para a aplicação do conhecimento adquirido nesta investigação na Arqueologia, envolvendo, assim, trabalhos de gabinete e campo.

Dentre os trabalhos mais recentes que tecem considerações sobre os métodos etnoarqueológicos, estão David & Kramer (2001), Politis (2002), Castañeda (2008) e Poloni (2008). David & Kramer (2001) têm o mérito de consolidar uma visão geral sobre Etnoarqueologia e seu método, não se restringindo ao entendimento de que Etnoarqueologia é o estudo etnográfico da cultura material com perspectivas arqueológicas.

Politis (2002) enriquece esta discussão, traçando conclusões com foco nas ações desenvolvidas no contexto da América do Sul. Já Castañeda (2008) consegue definir os diversos aspectos da Etnoarqueologia e seu método, identificando as contribuições de caráter etnográfico e as aplicações de caráter arqueológico. Poloni (2008), por fim, traz estas discussões para mais perto dos pesquisadores de língua portuguesa, ao analisar em sua dissertação, aspectos da Etnoarqueologia e seu método, em especial na fase de trabalho de campo, mas definindo também os elementos das fases de trabalho de gabinete.

Todos estes autores, ainda que indiretamente, fazem considerações de aspecto teórico sobre o método etnoarqueológico. Os aspectos práticos dos levantamentos de campo são tratados pontualmente em Politis (2002) e teoricamente em Castañeda (2008), mas especialmente David & Kramer (2001) e Poloni (2008) detalham ações para os levantamentos de campo na Etnoarqueologia. Organizando estes aspectos, pode-se tentar entender o método etnoarqueológico em três fases:

- (1) uma primeira fase, de gabinete, com forte abordagem teórica, na qual o pesquisador define suas linhas de pensamento e de ação e inteira-se ao máximo sobre a sociedade a ser estudada (por exemplo, por meio de levantamentos documentais e bibliográficos);
- (2) uma segunda fase, de campo, em que o pesquisador levanta informações sobre a cultura da sociedade estudada (com foco na cultura material), para fins de comparação entre presente e passado;
- (3) e uma terceira fase, novamente de gabinete, em que o pesquisador organiza estas informações para aplicação na construção do conhecimento arqueológico.

Seguindo o pensamento apresentado acima, este capítulo visa apresentar o método etnoarqueológico, citando autores para exemplificar o método por meio de casos concretos.

2.1. O método etnoarqueológico – 1ª fase: o contexto da Teoria e o levantamento pré-campo

Ao dar início a uma pesquisa etnoarqueológica, o etnoarqueólogo deve ter em mente qual linha (ou quais linhas) do pensamento teórico deve seguir, de que forma esta linha de pensamento deverá ser explicitada em suas anotações e que trabalhos lhe servirão de referência. Neste sentido, Poloni (2008) apresenta uma lista de tópicos de elaboração própria, baseada na análise dos aspectos teóricos de diversos trabalhos de Etnoarqueologia. Segunda esta autora, o contexto teórico pode estar presente na pesquisa etnoarqueológica nestes três elementos subsequentes: 1) na opção teórica da pesquisa; 2) no grau de explicitação teórica; e 3) nas referências teóricas.

Opções teóricas da pesquisa são as próprias escolas de pesquisa, como contextualismo, processualismo etc. Segundo entende-se de Poloni (2008), o etnoarqueólogo, em sua pesquisa, deve definir qual sua opção teórica ou mesmo se estaria trabalhando com uma combinação de universos teóricos ou, ainda, se não teria uma opção teórica definida, a depender do enfoque de sua pesquisa. Neste entendimento do método etnoarqueológico, o etnoarqueólogo deveria definir sua opção teórica, mesmo que, em sua pesquisa, sua opção teórica seja “indefinida”.

Isto nos remete ao grau de explicitação teórica a ser utilizado na pesquisa. Ainda segundo Poloni (2008), esta explicitação pode ser direta ou indireta. E de forma semelhante, devem ser definidas as referências teóricas da pesquisa, sendo estas também diretas ou indiretas ou, ainda, “ausentes”. Estes tópicos devem ser entendidos como guias na relação do pesquisador com sua opção teórica e do pesquisador com seus leitores, isto é, que as opções do pesquisador estejam:

(...) claramente definidas no trabalho e que este procure, no decorrer de sua pesquisa, manter-se fiel às teorias, métodos e técnicas por ele escolhidas, deixando o leitor informado sempre que alguns desses aspectos sejam alterados no decorrer do processo de investigação científica (POLONI, 2008, p. 54).

David & Kramer (2002) criticam que a maioria das publicações em Etnoarqueologia, pelo menos até então, não assumiam uma posição teórica explícita, embora não fossem necessariamente ateóricas. Estes autores oferecem aos pesquisadores um conjunto básico de ferramentas para examinar a teoria, implícita ou explícita, na literatura etnoarqueológica, mas admitem que a maioria dos pesquisadores prefere lidar com as complexidades teóricas na medida em que estas surgem para o pesquisador.

Segundo Poloni (2008), pode-se dizer que o importante é que a postura do autor esteja clara em seu trabalho, e não somente para o leitor, mas para si mesmo.

Esta definição do contexto teórico, embora sendo uma primeira ação do método etnoarqueológico, não deve ser percebida como um agente limitador da pesquisa etnoarqueológica, mas uma guia de ações, pois no decorrer da pesquisa o pesquisador por ser surpreendido pela necessidade de rever suas opções teóricas:

(...) é importante que o Etnoarqueólogo tenha em mente que, ao desenvolver sua pesquisa no interior de uma comunidade viva, [ele] pode se deparar com contextos surpreendentes que, eventualmente, venham a ser incluídos na investigação ou que possam trazer a necessidade de repensar os enfoques escolhidos. Nesse ponto, é preciso ressaltar que teorias, métodos e técnicas são opções ou caminhos de análise dos contextos a serem pesquisados, não a única visão ou percurso possível, e que esses enfoques de pesquisa devem ser adaptados aos contextos analisados e não o contrário (POLONI, 2008, p. 54).

Após a definição do contexto teórico da pesquisa etnoarqueológica, é necessário conhecer a sociedade a qual se pretende investigar. Antes de ir a campo, inserir-se nesta sociedade e coletar as informações desejadas, o etnoarqueólogo deve munir-se do maior conhecimento possível em torno desta sociedade, em ações que consistem numa etapa que pode ser compreendida como pré-campo.

Esta etapa, porém, não toca apenas o lado do levantamento documental ou bibliográfico, porque precisarão ser definidos também tópicos de caráter puramente metodológico (previsão e definição das ações em campo) e até mesmo burocrático (financiamento, contratações, rede de contatos e outros itens de planejamento de campo). Estes tópicos, porém, serão decididos e levando-se em conta as particularidades da sociedade estudada, obtidas pelo levantamento documental-bibliográfico.

David & Kramer (2001) apresentam detalhes desta etapa de forma mais ampla, distribuídos principalmente no terceiro capítulo, “Fieldwork and ethics”, de seu livro *Ethnoarchaeology in action*, sintetizados por Poloni (2008), que agregou considerações e comparações advindas de diversos trabalhos analisados e autoria própria. O levantamento documental-bibliográfico é “indispensável ao pesquisador”, porque o conhecimento prévio sobre a sociedade estudada define todo o planejamento da fase de campo, tanto nos preparativos quanto no desenvolvimento desta fase.

Das ideias apresentadas pelos autores acima, pode-se dizer que a busca por informações deve abranger pelo menos os seguintes contextos: histórico, geográfico, político, cultural e acadêmico.

O contexto histórico-geográfico deve fornecer informações sobre a origem e a evolução da sociedade, sua interação com o meio natural e social, suas eventuais movimentações no espaço, sua demografia etc. O contexto político fornece a

estruturação política da sociedade e sua relação com sistemas políticos superiores, ou mesmo inferiores, e ainda quais necessidades burocráticas deve o pesquisador atender para futuramente inserir-se nesta sociedade. O contexto cultural fornece dados não apenas comportamentais, mas também linguísticos, prevenindo o investigador de atritos e choques de costumes e localizando-o em suas competências e possibilidades, por exemplo quanto ao grau de fluência na língua local ou à necessidade de tradutores. E o contexto acadêmico, por fim, revelará ao pesquisador quais os entendimentos já formalizados em torno daquela sociedade, em campos do conhecimento diversos ou afins ao do pesquisador.

De David & Kramer (2001) e Poloni (2008), é possível entender que especialmente os contextos geográfico, político e cultural ajudarão a planejar e administrar a pesquisa, como informações citadas acima surpreendentemente úteis para o pesquisador.

O pesquisador, durante suas pesquisas, deve ter plena consciência de sua competência linguística, caso pesquisador e grupo não falem a mesma língua como nativos, mesmo em casos em que o pesquisador e o grupo falem a mesma língua como nativos. É muito importante que exista fluência na comunicação com a comunidade estudada além de informantes locais e tradutores, que possibilitem uma integração com a comunidade, tornando essa transição mais harmônica possível. Não deve haver limitações para as fontes de informação, mas obviamente o bom senso do pesquisador deve encadear as mais e as menos importantes contribuições durante a pesquisa.

Documentos de entidades governamentais e não governamentais, arquivos, artigos jornalísticos, fotos, fotos aéreas, imagens de satélite, livros e pesquisas, tanto sobre a sociedade quanto sobre a região em que ela se encontra, podem somar ao pesquisador. Em especial, investigações arqueológicas prévias realizadas na região podem agregar à pesquisa, inclusive na fase pós-campo, quando parâmetros comparativos podem ser estabelecidos entre aquelas investigações e a pesquisa etnoarqueológica (POLONI, 2008).

2.2. O método etnoarqueológico – 2ª fase: o trabalho de campo

O desenvolvimento da pesquisa etnoarqueológica exige uma fase de campo, em que o etnoarqueólogo levanta informações, de forma direta ou indireta, sobre a sociedade estudada, com foco em sua cultura material e com vistas a contribuir para pesquisas arqueológicas.

Os métodos deste levantamento de campo podem ser os mais variados (DAVID & KRAMER, 2001), mas, dentre as estratégias de ação para esta fase, podem ser destacados a “observação participante” (DAVID & KRAMER, 2001; POLITIS, 2002; POLONI, 2008), as entrevistas e o uso de questionários, com suas particularidades e necessidade de cuidados, inclusive de caráter social e ético (DAVID & KRAMER, 2001; POLONI, 2008).

Simplificadamente pode-se aceitar que, num extremo, a observação participante seria a estratégia de ação de campo mais direta, enquanto os questionários, como instrumentos de levantamento de informação, seriam a estratégia de ação de campo mais indireta. David & Kramer (2001), inclusive, as tratam como “métodos polares”.

Politis (2002) considera o trabalho de campo por meio da observação participante como uma estratégia “privilegiada” e David & Kramer (2001) descrevem-no como o método “mais intensivo” em termos antropológicos. De fato, embora seja possível pensar em trabalhos etnoarqueológicos sem uma fase de campo direta, estes devem ser vistos como exceção e não regra. Dos trabalhos analisados por Poloni (2008), pode-se assegurar que o trabalho de campo com abordagens mais diretas são as preferidas e com chances de trazer maiores contribuições ao conhecimento arqueológico.

Em termos de conceituação, a observação participante pode ser entendida como o estar numa determinada sociedade, por um período de tempo no qual se busque viver em harmonia com aquela sociedade, segundo seu ritmo cotidiano, na mesma rede de direitos e deveres (embora não como nativo), para daí obter os dados necessários à perspectiva arqueológica, isto é, o entendimento sobre as condutas humanas direta ou indiretamente relacionadas à produção material (DAVID & KRAMER, 2001; POLONI, 2008).

Desta conceituação, fica claro que a observação participante, o pesquisador constrói um relacionamento de reciprocidade com a comunidade.

David & Kramer (2001), o pesquisador deve ter consciência de que os membros da comunidade que o hospedarão podem não receber tão bem e uniformemente os forasteiros e que podem haver aspectos rituais e econômicos que a princípio a comunidade não queria revelar, e a reciprocidade construída pela observação participante pode ajudar a dissolver barreiras desta natureza.

David & Kramer (op.cit.) e Poloni (2008) também discutem que o uso de informantes, inclusive remunerados, pode ser de crucial ajuda nesta fase. Os primeiros contatos para um trabalho de campo com observação participante podem começar com telefonemas a contatos locais, a colegas ou a pessoas que se tornem facilitadores ao trabalho do etnoarqueólogo.

Evidentemente, esta é uma fase que deve adaptar-se às características da pesquisa e da comunidade, mas é importante que o pesquisador esteja consciente da qualificação de seus assistentes e informantes, qual a natureza de seu relacionamento com eles e formas de recompensa, se necessárias.

Além da pura observação participante, as outras duas estratégias de ação comuns e muito importantes no cenário da pesquisa etnoarqueológica, já listadas acima, são as entrevistas e o uso de questionários.

Enquanto a observação participante é uma forma direta de o pesquisador extrair dados da comunidade, as entrevistas podem ser encaradas como uma forma mista direta/indireta de extração de informações, embora o pesquisador participe da ação, as informações não são observadas, mas coletadas de um membro entrevistado, os questionários, seriam o exemplo de método indireto de obtenção de dados, em que se exige dos membros da comunidade um compartilhamento das particularidades do meio onde vivem.

Novamente, David & Kramer (2001) fazem considerações importantes sobre este tipo de ação. Entrevistas e questionários devem ser direcionados a uma determinada amostra da comunidade, e o pesquisador deve ser cuidadoso no sentido de evitar favorecer tendência nos resultados. As questões devem ser propostas de forma clara e objetiva para o estudo em questão.

De David & Kramer (op.cit.) e Poloni (2008), fica claro que estratégias mais indiretas devem ser acompanhadas por períodos de observação participante, para maior

clareza e riqueza de entendimento. Por outro lado, estas estratégias indiretas também podem ajudar o observador a formular sua compreensão em torno da comunidade estudada.

Obviamente, são infinitas as possibilidades e particulares da pesquisa etnoarqueológica, e pode haver situações em que outros métodos podem ganhar grande importância para o estudo. Dentre estes, podem ser citados métodos etnográficos, como a amostragem de grupo (quantificação e classificação de grupos, famílias etc.) ou reconstituições e experiências de rituais e vivências da comunidade que somam valores qualitativos nas entrevistas e questionários.

É importante que, na fase de campo, o pesquisador esteja consciente das opções teóricas assumidas na primeira fase, inclusive da possibilidade de alteração do universo teórico, se identificada a necessidade.

Esta consciência construída na primeira fase do método etnoarqueológico deve guiar as ações e os registros de campo. Quanto a este registro dos dados, é importante contar com a mais variada natureza de registros, que podem ser: materiais escritos, registros visuais e sonoros, materiais etnográficos e amostras materiais de naturezas diversas.

Todos os registros devem ser organizados segundo a data e o local em que foram obtidos. São cuidados que permitirão proceder à organização e interpretação dos dados, o que nos leva à terceira fase do método etnoarqueológico, segundo o apresentado neste trabalho.

2.3. O método etnoarqueológico – 3ª fase: organização das informações e interpretação

Após o retorno do campo, em se considerando que o período ou os períodos de campo já sejam suficientes, o pesquisador deve ter organizado toda a série de registros e materiais coletados. Na apresentação da pesquisa, é interessante que se possa diferenciar o que é “fato” e o que é interpretação. David & Kramer (2002), discutem conceitos da filosofia realista da ciência que podem ajudar nesta fase.

Segundo estes autores, os “realistas” trabalham baseados em três tipos de elemento:

- (a) o *real*: estruturas e processos que são frequentemente inobserváveis e podem ser compostos estratificados complexos (ex: genes, migração); qualquer coisa que possa ocasionar mudanças em coisas materiais é real;
- (b) o *factual*: eventos e fenômenos observáveis; complexos e conjunturas formados pelo real; e
- (c) o *empírico*: experiências e fatos gerados por nossa percepção carregada de teoria do factual.

São discussões filosóficas profundas, mas que o etnoarqueólogo pode entender de forma simplificada para ter consciência da natureza de suas observações. Na apresentação de suas interpretações, é ideal que o autor retorne também a considerações sobre suas opções teóricas, originais ou alteradas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. São cuidados que ajudam na formalização da pesquisa etnoarqueológica.

Neste trabalho, este aspecto de interpretações e resultados será tratado nos próximos capítulos, com base na apresentação de estudos de casos, a exemplo do que fez Poloni (2008), que analisou dissertações de mestrado e teses de doutorado, utilizando da metodologia em Etnoarqueologia como aqui apresentada.

CAPÍTULO 3 : ESTUDOS DE CASO EM ETNOARQUEOLOGIA

Para este capítulo, analisamos dentro das pesquisas etnoarqueológicas ,alguns autores. Em cada estudo, apresenta-se o objetivo do trabalho, descrições na fase de campo e tempo estimado, relações entre pesquisador e participante e uma análise dos trabalhos.

3.1. “O Poti Velho: uma abordagem etnoarqueológica”

O primeiro trabalho abordado aqui é um estudo de caso realizado pelas autoras Suianny Alves Silva - Bacharel em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre (UFPI) e Andreia Lourdes Monteiro Scabello - Doutora em Geografia (USP). O tema do trabalho é *O Poti Velho: Uma abordagem Etnoarqueológica*. O artigo foi publicado pela Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho), em Teresina-Piauí, entre abril e junho de 2013.

Este levantamento envolvendo estudos Etnoarqueológicos ocorreu entre os rios Poti e Parnaíba. Nessa área há presença de argila, que explica o extrativismo da matéria-prima na região. Esse fator pode explicar o amplo conhecimento da produção cerâmica dos indivíduos dessa região.

O estudo dessa região abrange o bairro Poti, sendo um dos mais antigos da cidade de Teresina-PI. A vantagem hidrológica nesse centro urbano, impulsionou diretamente questões ligadas a economia, como atividades destinadas a pesca, agricultura, extrativismo e a produção ceramista.

Silva & Scabello (2013) tiveram como objetivo utilizar a Etnoarqueologia para entender e compreender os processos de aprendizagem desse grupo no ato de produzir cerâmica. Essa prática foi passada de geração em geração, nos últimos cinquenta anos.

A abordagem teórica utilizada está bem definida, tratando-se do processualismo, sendo citado neste artigo o autor Binford e diversos outros autores dessa escola,

exemplificando todos estes, nas mais diversas e variadas formas de interpretar questões arqueológicas.

Esse trabalho seguiu o viés da Etnoarqueologia em estabelecer diálogos entre a cultura material e a comunidade local. Construindo assim uma relação com a sociedade viva, sendo o Arqueólogo, agente observador direto e intermediador do conhecimento adquirido através do agente participante. Este último denomina-se os artesãos aos quais manufaturam a cerâmica, os chamados ceramistas, e o pesquisador que se insere dentro desta esfera social.

A descrição de campo utiliza um roteiro muito bem estabelecido, recorrendo ao uso da entrevista com os artesãos e proprietários das oficinas oleiras. O estabelecimento do uso etnográfico é evidente no trabalho de Silva & Scabello (2013), se apropriando do uso de entrevistas, anotações de campo, registros fotográficos e filmagens.

O processo metodológico ocorreu antes da realização da prospecção do sítio, foram realizados procedimentos de levantamentos bibliográficos, onde os pesquisadores salientaram a dificuldade de poucas fontes escritas. Para complementar as pesquisas direcionadas ao Poti Velho foram realizadas entrevistas juntamente aos artesãos, produtores da cerâmica na região. Essas fontes orais foram importantes para agregar novos dados históricos sobre a região e o conhecimento adquirido dos próprios ceramistas. No texto, as autoras fornecem o tempo estimado em campo que perdurou entre os anos de 2009 e 2011.

Outro fator pertinente, adquirido durante a pesquisa entre pesquisador e artesãos, foi que o gênero masculino, em sua maioria, assume o papel na produção ceramista e cabe as poucas mulheres artesãs, a função de decoração desta prática.

A cultura oleira no bairro foi desde o início, de domínio do masculino na rústica atividade de extração, preparação do barro e confecção de peças como tijolos, telhas, filtros. Mas as mulheres não estavam totalmente ausentes desta atividade. Elas tradicionalmente transportavam as peças sobre a cabeça e as arrumavam para serem comercializadas(...) (MORAIS; PEREIRA, 2012, p. 13).

As pesquisadoras apresentam o estudo do Poti Velho, utilizando a oralidade, meio que contribuiu de forma positiva para a narrativa da abordagem Etnoarqueológica do Poti.

O contexto histórico apresentado durante as pesquisas, como o primeiro artesão Sr Raimundo Nonato da Paz que à partir de 1960, introduziu a prática de confecção da cerâmica e difundiu este conhecimento para os novos artesãos, isso tudo foi essencial para entender as relações iniciais e de desenvolvimento destes ceramistas, e da sua prática ceramista na região do Poti.

Na etapa de campo foram constatados 28 oficinas ceramistas, onde 4 dessas foram analisadas durante o estudo. Em descrição dessas anteriores, praticamente o processo era semelhante na fabricação, porém a morfologia (formas) das peças era distinta, e cada artesão desenvolvia um aparato estético das formas dos vasilhames de acordo com a sua vontade, ou seja, cada um seguia o seu padrão.

Silva & Scabello(2013) durante o decorrer das pesquisas etnoarqueológicas, destacam o senhor Raimundo Camburão, que faz referência como um dos primeiros ceramistas, que propagou o conhecimento de produzir cerâmica entre os moradores da região do Poti. As pesquisadoras fazem o uso da construção de uma historicidade, mencionando este ceramista.

Neste trabalho observa-se que a relação entre pesquisador e participante, as autoras constroem uma narrativa sistemática em base aos moradores da região do Poti, verificando vários aspectos como obtenção de matéria prima, meios da produção da cerâmica entre outros. As pesquisadoras analisam toda a narrativa para construírem o entendimento da produção ceramista nesta região, citando o primeiro ceramista que introduziu esta prática contribuindo assim para o âmbito das pesquisas etnoarqueológicas.

Além das entrevistas diretas com os artesãos auxiliados com gravadores, utilizaram se de registros fotográficos para o entendimento total do processo de fabricação da cerâmica. Esses recursos forneceram grandes informações durante as etapas de campo aos pesquisadores. No final do trabalho as autoras concluíram que mesmo diante das inovações tecnológicas, principalmente no mercado que abrange

materiais construtivos dos últimos 30 anos, a atividade ceramista permaneceu na região do Poti.

Silva & Scabello (2013) utilizam a Etnoarqueologia de forma satisfatória e o emprego do uso de entrevistas e a construção de um contexto histórico dos moradores na região do Poti foram de grande valia. Nota-se que no decorrer da leitura do trabalho, as autoras enfatizam a narrativa gerada pelos próprios moradores. Entretanto, estes personagens não foram explorados. Seus nomes, ocultos no texto, poderiam ter sido citados. Com o advento da Etnoarqueologia foi possível retomar as memórias deste grupo e estabelecer conexões entre relações humanas e a cultura material.

3.2. “Para uma Etnoarqueologia da Cerâmica Mati”

Dando continuidade aos estudos correlacionados a Etnoarqueologia, o artigo apresentado por José Maria López Mazz (Universidad de la República, em Montevideo, Uruguay) no ano de 2000, na região Amazônica brasileira, é direcionado a cerâmica Mati.

Mazz (2001) desenvolve um trabalho sobre o uso da Etnoarqueologia para se estudar os Matis. Recorre ao uso das interpretações sobre grupos pré-históricos que habitaram um pouco mais ao sul, nas terras baixas da bacia do rio do Prata, a partir do IV milênio antes do presente, ou seja correlacionar os Mati em seus registros materiais, com grupos pré-históricos que viviam nas proximidades dessa região. O objetivo deste trabalho é utilizar da Etnoarqueologia para compreender o grupo Mati. Mas segundo Mazz (2001) o foco principal da pesquisa não é a Amazônia, mas estes vestígios culturais dos Mati, que servem de referencial para o entendimento arqueológico dos grupos pré-históricos denominados caçadores-coletores (ceramistas), que se posicionaram nas Terras Baixas do norte e leste do Uruguai e do sul do Brasil.

O uso de métodos como o registro fotográfico, utilizado inicialmente neste artigo, aponta a observação do pesquisador, através dos assentamentos do grupo Mati, revelando dentro do contexto das lentes fotográficas as atividades evidentes do grupo, relacionado aos afazeres cotidianos, como a produção da cerâmica, fogueiras, estrutura física e espacial das aldeias, artefatos e a sociabilização do grupo.

A metodologia utilizada em campo abordou entrevistas diretas com os moradores sem a necessidade de questionários, além da observação do pesquisador com a comunidade abordando a tecnologia da cerâmica em suas diversas tipologias e fins de uso funcional. Durante a etapa de campo nota-se que a produção ceramista é pertencente ao gênero feminino, ao qual o pesquisador denomina de “senhora shari”, mulher responsável pela manufatura dos objetos cerâmicos.

Na fase tipológica e descritiva das respectivas funcionalidades, o estudo relacionado a cerâmica Mati é observada detalhadamente nesta comunidade. Denomina-se nos estudos desde a terminologia, empregada referente aos nomes dos recipientes cerâmicos na língua nativa dos Mati, desde os pequenos e grandes recipientes cerâmicos, ou seja, o autor domina na língua nativa no que se refere as cerâmicas em suas funcionalidades.

Se utiliza do modelo de classificação de Erkson(1990) nas tipologias cerâmicas(formas) variam em 6 tipos, que são utilizados desde o preparo de alimentos, bebidas e ritos cerimoniais. Neste último, a cerâmica surge em modelos de máscaras, sugerindo a representação facial do povo Mati durante as festas cerimoniais.

A formação econômica e social Mati parece fortemente marcada pela divisão sexual do trabalho, que de maneira dialética se opõe. Por um lado, o trabalho feminino de produção de recipientes e de processamento doméstico de alimentos; por outro, o consumo masculino cerimonial de objetos, como máscaras, recipientes de bebidas para ritos masculinos, curare, trombeta (MAZZ,2008).

Esse trecho do texto remete a variabilidade dos objetos arqueológicos que se faz distinto do seu verdadeiro uso em relação ao gênero masculino e feminino, correlacionado à organização da esfera social. E as etapas de campo foram realizadas entre os meses de junho e julho no ano de 2000, na aldeia denominada Aurélio, nas mediações do rio Ituí.

Durante o trabalho, Mazz (2008,) enfatiza a importância da narrativa por meio de entrevistas com a população a ser estudada, observamos assim a relação entre pesquisador e comunidade são essenciais para fins produtivos de pesquisa para este autor.

Praticamente todo o levantamento de dados e informações em campo, envolveram ativamente participações com a comunidade local, mas o referencial importante foi manifestado através dos processos tecnológicos ceramistas, onde era possível identificar as estruturas organizacionais como espaços de uso doméstico, de produção e atividades cerimoniais, todos esses aspectos ligados a cerâmica Mati, enfatizam positivamente para interpretações arqueológicas dos Matis na Amazônia.

3.3. “Aplicaciones de la Etnoarqueología para interpretar el registro arqueológico de los cazadores-recolectores del pasado. Tres ejemplos de América del Sur”

Esse artigo está vinculado à Etnoarqueologia de Politis (1996) em que o pesquisador apresenta um estudo aplicado à interpretação etnoarqueológica em três grupos étnicos na América do Sul: Nukak (Amazônia Colombiana), Hoti (Venezuela) e Awá (Amazônia Brasileira). O tema define a aplicação da Etnoarqueologia na interpretação de registros. O autor argentino trata deste tema focando nas comunidades caçadoras-coletoras e na particularidade de cada grupo étnico na América do Sul.

3.3.1. Nukak: Amazônia Colombiana

Resumindo este trabalho abordou a dimensão espacial, onde os Nukak habitavam e a identificação de uma mobilidade permanente até a década de 90, em virtude de favoráveis condições de subsistência como a caça, coleta e horticultura. Este grupo denominado “Nukak” se estabeleceu na região colombiana e se mantiveram como caçadores coletores até os anos 90. Posteriormente o grupo tornou se sedentário, devido a se estabelecer em assentamentos dos colonos (POLITIS, 1996).

Segundo Politis (op. cit.), o objetivo da pesquisa foi identificar os Nukak como os povos que ocupavam diversos sítios, em decorrência não apenas do esgotamento dos recursos naturais, mas devido a outros fatores como o controle sanitário, a morte de algum membro do grupo e seus rituais, entre outros.

A metodologia aplicada seguiu na abordagem dos registros fotográficos, acompanhados da presença “física e material” dos Nukak. Foi possível analisar a

fixação desse grupo. Evidenciando o abandono dos acampamentos, pela presença dos alimentos consumidos e objetos deixados pelo grupo.

Durante o processo de estudo etnoarqueológico observa-se que o grupo se distinguia pela “mobilidade residencial e sazonal”. O autor verifica a mobilidade residencial pelos vestígios de um acampamento permanente e seus restos alimentares, quando não era possível identificar esses elementos, classificaria o grupo como residentes temporários ou seja sazonal.

Em períodos chuvosos se estabeleciam em maiores tempos nos acampamentos. Nos períodos secos permaneciam em menor tempo em seus assentamentos, devido a estratégia de utilizar outros recursos naturais, nesse caso se dispersavam em regiões mais distantes. E por último, no verão devido à presença maior de recursos naturais se estabeleciam por mais tempo, ou seja, de forma residencial.

Esse estudo de campo relacionado aos Nukak, na Amazônia Colombiana, durou de 1990 até 1996. A relação entre pesquisador e participante não está bem definida no texto. O pesquisador utiliza um conceito de “mobilidade residencial e logística”, adquirido nos estudos de Binford (1980), em que esse recurso é utilizado para o entendimento da distribuição espacial dos grupos étnicos na América do Sul, resultando na compreensão dos aspectos culturais e econômicos destes grupos.

3.3.2. Los patrones de descarte de hueso y vegetables entre los Hoti

O estudo dos grupos étnicos de caçadores coletores na América do Sul, evidenciaram as abordagens distintas nos modos de vida uns dos outros, mesmo se tratando de grupos nômades. Nem todo grupo denominado “caçador coletor”, possui a prática de apenas caçar e coletar seus alimentos. Os Hoti (Venezuela) são analisados para exemplificar essa afirmação, que mesmo praticando essa atividade de “caçar e coletar”, cultivam seus próprios alimentos (POLITIS, 1996).

O objetivo da pesquisa foi amostrar as formas de descarte dos ossos e vegetais, e entender essas relações juntamente com os assentamentos. O estudo possibilitou inúmeras respostas como: a dieta alimentar do grupo, tipos de animais e vegetais consumidos, período de ocupação, entre outros. Toda a prática metodológica foi

analisada através dos registros fotográficos e a análise estratigráfica, através do descarte da cultura material do grupo.

A opção teórica desse trabalho se reflete no Pós-processualismo, em que há um progresso no estudo do valor simbólico do “lixo” e de como contribui para a construção da realidade das sociedades que nela produziram (HODDER 1982;GONZALEZ RUIBAL,2003).

A pesquisa de campo foi realizada em duas temporadas, na totalidade de três semanas, cada temporada, ocorrendo respectivamente em estação de seca e verão, janeiro-fevereiro de 2002 e estação chuvosa de inverno, em julho-agosto de 2003. (POLITIS,1996;JAIMES,2005). Não se encontra uma relação definida entre pesquisador e participante.

As pesquisas de Politis(op. cit.),concluíram que os Hotĩ manejam o descarte dos ossos, em especial os da cabeça e mandíbulas dos animais, com fins de caráter simbólico para o grupo. Esta particularidade em si, se difere dos demais grupos étnicos na América do Sul, contribuindo para os estudos tafonômicos dos animais, que ajudam no entendimento dessas sociedades.

3.3.3. El descarte de las flechas entre los Awá

O grupo étnico Awá, localizado no estado do Maranhão, na zona amazônica brasileira, foi objeto de estudo de Politis pela diferenciação tecnológica de suas ferramentas de caça, em especial as pontas de flecha que são confeccionadas de forma sistemática em relação a outros grupos na América do Sul. Foi verificado que o grupo de caçadores-coletores está migrando para atividades que vão além da caça, para a agricultura como forma de subsistência.

No continuo e rápido trecho final do artigo, Politis (1996) teve como objetivo descrever o árduo trabalho na confecção das flechas, em sua cadeia operatória. Identifica quando estas se mostram em pequenas falhas, e são inutilizadas pelo grupo.

Dentro da Etnoarqueologia, o autor conseguiu verificar que este grupo étnico abandonava suas pontas de flecha aos arredores da aldeia e nunca eram deixadas na

selva. Na visão cosmológica dos Awá, deixar as pontas na selva, significa “fazer o mal”, nessa interpretação deduz-se o respeito pela relação: homem e natureza (POLITIS, 2009).

A crítica a este trabalho se faz pelo fato de que o pesquisador não tenha deixado claro o tempo estimado da pesquisa e do período de análise da cadeia operatória no ato de fabricar as pontas de flecha, que busca entender a relação de descarte destes objetos. A relação entre o pesquisador e participantes não se encontra bem definida.

Esses trabalhos apresentados por Politis, evidenciam as formas de assentamento dos grupos étnicos na América do Sul, contribuindo para uma visão diferenciada a respeito dos caçadores-coletores, diversificando estes grupos em vários aspectos, como por exemplo, em alguns casos praticam o sedentarismo. A caça e a coleta não eram apenas a única forma de subsistência, e a mobilidade não está associada apenas aos recursos naturais ou ao estado de necessidade do grupo, que pode estar aliada às questões de organização social e ideológica. Essas questões convertem-se em uma Arqueologia não tão determinista, que ajuda a não cair no campo das generalizações.

3.4. “A produção cerâmica como reafirmação de identidade Étnica Maxakali: um estudo etnoarqueológico”

O trabalho apresentado por Luciane Monteiro Oliveira (USP), trata-se da dissertação sobre a produção cerâmica dos Maxakali, realizado em 1999 na região nordeste de Minas Gerais. A autora inicialmente mostra que houve uma grande mobilidade do grupo indígena, pelo processo exploratório dos recursos naturais efetuado pelos colonizadores. Quando não era possível o seu deslocamento, os indígenas teriam que conviver com os colonos e elaborar formas de apropriação cultural para a preservação de sua etnicidade. Para comprovar a etnicidade do grupo a identificação é analisada por quatro unidades: identidade, residencial, grupo doméstico e bando. A primeira é a verificação por membros que comungam entre si, a mesma língua, mitos, símbolos rituais e história. A segunda (residencial) e a terceira (grupo doméstico) são referentes à espacialidade e ocupação habitacional e consequentemente à organização social. E a quarta (bando), esta se refere ao espaço e diretamente associado ao parentesco (POPOVICH, 1992).

O entendimento do texto evidencia a mobilidade do grupo em relação aos colonizadores, ocasionando assim a fragmentação do grupo. Muitas vezes diante deste processo os indígenas são forçados a abandonarem suas terras e a trabalharem para os colonos. Essa situação não apenas caracteriza o grupo étnico Maxakali, mas aborda a realidade dos diversos grupos indígenas no Brasil.

A dispersão de vários bandos ocorre devido a estrutura de funcionamento, (identidade, residencial, grupo doméstico e bando), com as pressões e conquistas dos seus territórios pelos colonos e outros índios, o que agravou as condições de vida e aumentando se as crises (PARAÍSO,1998).

O contexto histórico foi muito bem analisado pela autora, referente aos séculos XVII e XIX, em que foi possível identificar, que a exploração mineral de diamantes na região, com atos de violência, para a expulsão dos indígenas, levou a dispersão do grupo e no período posterior, a colonização proporcionou o regresso do grupo, que viviam nas mediações dessa região.

O objetivo de Oliveira(1999) foi evidenciar, através da cultura material, cerâmica dos Maxakali, a sua produção e observar as relações estabelecidas no cotidiano do grupo, desde a organização social, divisão sexual do trabalho, parentesco entre outros. Nestes aspectos a pesquisadora observa principalmente a distribuição social do grupo em relação ao gênero, onde a mulher vivencia espaços domésticos e cabendo a função ritualística, predominantemente aos homens.

Na fase que a pesquisadora utiliza para descrever a reserva indígena, ela divide em duas regiões. A primeira região formada por catorze fazendas “aldeia Ipkoxxeká” e a segunda em regiões montanhosas “Mikax xap”, praticamente estes relevos distintos, caracterizam a organização espacial do grupo. No entorno das regiões montanhosas se encontram as habitações e o cemitério, localiza-se em relevos menores, afastados dos conjuntos habitacionais (OLIVEIRA,1999).

Durante a pesquisa de campo, a autora não deixa claro o tempo estimado de suas pesquisas. No decorrer da fase de campo, todo o trabalho é devidamente registrado em fotografias, observando assim os aspectos sociais do grupo. A relação entre pesquisador e participante é ativa entre a comunidade em geral por meio das narrativas do grupo estudado, além disso a autora nos surpreende, com um trabalho realizado com um

público jovem, onde os moradores indígenas da região expressam atividades do cotidiano, como caça, pesca, momentos cerimoniais e outros, por meio de desenhos. Totalizando 26 tipos de desenho com a assinatura de cada pessoa, elaborados na visão cosmológica da própria população indígena (Consultar anexos). Nos registros fotográficos, a pesquisadora analisa de forma sistemática, mais uma vez trabalhando com o gênero na comunidade. O papel “homem e mulher”, diante das atividades corriqueiras, o “fazer dos objetos de caça, arco e flecha e utensílios domésticos, fiação, tecelagem, a cerâmica”.

A forma de subsistência do grupo está totalmente voltada a questões ambientais. Devido à grande exploração por parte dos colonos seja mineral ou pecuária, resultou na perda de tradições do grupo como atividades de caça e coleta, pesca. O grupo precisou se adaptar e hoje praticamente vive em função da agricultura de subsistência. A pesquisadora identifica que os Maxakali, tem uma ligação muito forte com o seu território, sendo que cada espaço é destinado as suas atividades, seja estas ritualísticas ou de locais domésticos. Durante o decorrer do trabalho existiu a limitação imposta pelo grupo nos cemitérios, local onde a comunidade indígena adverte que nestes espaços: é um local de transito dos espíritos mortos, que não fizeram o ciclo Yãmîy xop.

Importante salientar que a agricultura de subsistência auxiliou muito a comunidade Maxakali, mas a partir do desmatamento pela área ocupada pelo grupo, a comercialização da cerâmica foi vital para a obtenção de alimentos, devido a crise desta atividade agrícola tradicional, colaborando assim como estratégia de sobrevivência física para o grupo (OLIVEIRA,1997, 1998, 1999).

A economia do grupo se faz pela divisão de trabalho entre o “masculino e o feminino”. Cabe a mulher a confecção exclusiva da cerâmica, rede de pescar, adornos, enquanto ao homem, instrumentos de caça, chocalhos e capacetes folha de palmeira,(na época cerimonial religiosa). Por fim quando essa massa trabalhadora, completa uma idade avançada, tanto o “homem e a mulher”, deixam de prestar serviços a comunidade, se qualificando em um status de respeito pelo grupo em razão dos seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida. (OLIVEIRA,1999).

Aos aspectos de referencia a caça, colheita, coleta, esse papel é designado de forma independente em ambos os sexos, a coletividade é algo muito presente no grupo Maxakali. Com exceção, ao que foi dito anteriormente a divisão do trabalho se

estabelece na confecção da cultura material entre os gêneros “masculino e feminino”, no quesito coletividade, ambos os sexos trabalham juntos em “prol” da sobrevivência do grupo. O termo “coletividade” é visto em continuidade no universo religioso, em que todos os grupos familiares participam das práticas ritualísticas, sem a necessidade de um membro central, designado como: pajé. É estabelecido papéis para cada membro do grupo, a função destas cerimônias é adquirir favores e a prevenção de danos sobrenaturais sobre a comunidade (OLIVEIRA, op. cit.,).

Ao longo do trabalho, a pesquisa sempre é voltada para a importância da preservação cultural dos Maxakali, que por meio de relações de casamentos com membros do próprio grupo e a escolha da língua nativa, considera-se que estes aspectos reforçam ainda mais esta ideia principal no texto. Ao longo do século XX, a comunidade fez uso de diversas estratégias, visando garantir a sua sobrevivência étnica: o monolinguismo, resistência a subsistência agrícola e a permanência da religião animista tradicional (POPOVICH,1992).

No último capítulo, a autora detalha, desde a obtenção de matéria prima, o tipo mineral e a queima, praticada pelas mulheres ceramistas, até o produto final do objeto, potencializando a importância e funcionalidade para o grupo, de acordo com a morfologia dos vasilhames. Estes podem possuir características domésticas e outros com aspectos de figuras de animais, direcionados para o lado ritualístico.

Na permanência do estudo de campo, Oliveira(1999), menciona que não foi encontrado vasilhame cerâmico para fins ritualísticos. Afirma que a inexistência deste tipo de cerâmica, em razão da substituição por objetos de alumínio, que são utilizados para os banquetes, em comemorações festivas. Mesmo diante da utilização dos utensílios domésticos de metais, as mulheres principalmente idosas, continuaram a produção em menor escala, os objetos cerâmicos consumidos internamente e comercializados. Além disso, introduziram este conhecimento tecno-funcional, adquiridos ao longo do tempo pelos seus ancestrais e demonstraram a importância para toda a comunidade indígena Maxakali, como forma de identidade cultural.

3.5. “Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang: um modelo para compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais”

O trabalho apresentado a seguir trata-se de uma tese de doutorado, publicada em 2001 por Sergio Baptista da Silva (USP), sobre a Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang. O autor da Silva (2001) neste estudo utiliza da Etnoarqueologia para estudar os grafismos Kaingang, abordando a materialidade arqueológica, a etnografia e a linguística. Recorrendo ao estudo desta sociedade para o entendimento das populações Proto Jê Meridionais (Taquara, Itararé e Casa de Pedra).

É imprescindível não mencionar sua orientadora Prof^a Dra Lux Boelitz Vidal, que no capítulo posterior, trabalha com foco em comunidades indígenas, se inserindo no quadro museológico, referente as coleções Museográficas dos próprios indígenas. E o trabalho de Silva (2001) utiliza das coleções museológicas, além das atividades em campo, para obter mais informações sobre a materialidade e aspectos culturais do grupo até então estudado. As tradições ceramistas planálticas do sul do Brasil (Taquara;Itararé e Casa de Pedra), são consideradas pelo autor como única, ampla e homogênea tradição cultural Jê Meridional, percussora da cultura Kaingang e Xokleng.

O objetivo do trabalho é buscar uma melhor compreensão do modelo Etnoarqueológico das sociedades Proto-Jê (Taquara;Itararé e Casa de Pedra), este realiza o levantamento de coleções etnográficas e o estudo do grupo Kaingang, finalmente buscando relações de semelhança entre os grafismos Proto-Jê e Jê atuais, características das sociedades passadas e recentes. Para este estudo os grafismos foram divididos em materiais etnográficos, em geral nos cestos e nas pinturas corporais (POLONI, 2008).

A metodologia utilizada foi aprender sobre a cultura material dos Kaingang, produzida e observada no próprio local destinado as pesquisas e as visitas aos museus, teve-se participação dos Kaingang, que dialogaram sobre os objetos compostos no museu. O tempo de permanência no campo não está claro no estudo deste pesquisador.

A utilização de registros fotográficos ou até mesmo desenhos dos objetos Kaingang foram fornecidos através dos acervos museológicos. (Museu Júlio de Castilhos, no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul e no Laboratório de

Arqueologia e Etnologia do Departamento de Antropologia da UFRGS, todos em Porto Alegre e no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, em São Paulo)(SILVA,2001).

Em seu estudo o autor conta com a participação ativa dos indígenas Kaingang, diante dessa comunidade ocorreu visitas aos museus em São Paulo(SP) e Porto Alegre(RS). Através desta realização partida nos interiores destes museus, foi possível observar por fotografias e pelos próprios materiais arqueológicos, agregar ainda mais informações cedidas pela própria comunidade indígena que participou deste processo. Esse método serviu para análise de parâmetro comparativo para materiais pré-históricos, (Jê do Sul) e considera-los Proto-Jê Meridionais.

No contexto teórico o pesquisador, menciona o empenho na atualização teórica, para a Arqueologia cognitiva e pós-processual, onde a mente humana resulta na criação do registro arqueológico (SILVA, 2001).

A Arqueologia cognitiva é o estudo de todos os aspectos de um antiga cultura que são o produto da mente humana: a percepção, a descrição e classificação do universo(cosmologia); a natureza do sobrenatural(religião); os princípios, filosofias, éticas e valores pelos quais as sociedades humanas são governadas(ideologias);as maneiras como aspectos do mundo, do sobrenatural ou valores humanos são transferidos para a arte(iconografia), e todas as outras formas do comportamento intelectual e simbólico que sobreviveu no registro arqueológico (SILVA, 2001).

A metodologia utilizada pelo pesquisador, busca a interpretação cognitiva sobre o estudo da cultura material dos Kaingang e seus grafismos, fazendo de análise analógica de uma escala temporal presente nesta comunidade, para fins de entendimento pré-histórico desta sociedade.

3.6. Discussão

Podemos ver neste trabalho no que se refere a discriminação dos objetivos, mesmo diante da necessidade de entender os grupos históricos ou pré-históricos, boa parte dos autores estudam a sociedade atual construindo uma narrativa que podemos identificar, questões do cotidiano dessas populações, formas de assentamento, vestígios

materiais e tantos outros aspectos, que servem de entendimento ora pra o presente ora para o passado.

Nas descrições na fase de campo de forma geral os pesquisadores trabalham com entrevistas, registros fotográficos e o levantamento bibliográfico. Consequentemente nesta fase, alguns autores não deixam explicitamente claro o tempo de permanência em campo, como é o caso de Oliveira (1999) e Silva(2001).

As relações entre pesquisador e participante estão evidentes na maioria dos trabalhos citados neste capítulo. Por exemplo, nos trabalhos de Silva e Scabello (2013), as autoras analisam todo o entendimento da produção ceramista desta região juntamente com os trabalhadores nas oficinas oleiras, construindo assim uma narrativa que compõe desde o primeiro artesão que introduziu esta prática aos moradores locais. Mazz (2001) construiu uma narrativa através das entrevistas participativas com a população amazônica Mati, entendendo se assim a importância dessa prática para fins produtivos de pesquisa. Em Politis(1996) percebemos que o autor não utiliza critérios narrativos envolvendo a população a ser estuda, a participação entre pesquisador e comunidade não está presente de forma clara no texto. Oliveira(1999) merece destaque na interação entre pesquisador e comunidade, além de trabalhar com toda a comunidade indígena por meio da narrativa, a autora incluiu a participação dos jovens nesse processo. Silva(2001), o autor de fato conta com a participação dos indígenas inserindo estes nos museus, agregando assim novas informações arqueológicas através do reconhecimento dos vestígios materiais desta população nos acervos museológicos.

No que diz respeito a análise dos trabalhos, Silva e Scabello (2013) enfatizam a narrativa gerada pelos próprios moradores no estudo da cerâmica na região do Poti. Entretanto estes personagens poderiam ser melhores explorados e citados seus respectivos nomes diante do estudo de caso. Mazz (2001) reúne importantes dados coletados em campo sobre o cotidiano do grupo Mati na Amazônia. As informações coletadas durante a pesquisa principalmente no que tange o processo tecnológico cerâmico, foi possível evidenciar espaços de uso doméstico, de produção e atividades cerimoniais, todos esses aspectos ligados a cerâmica Mati. Politis(1996) evidencia diferentes formas de assentamento dos grupos étnicos na América do Sul, onde alguns possuem características nômades e outros sedentários, esclarecendo que esta mobilidade não está associada apenas aos recursos naturais ou ao estado de necessidade do grupo, mas pode estar associada as questões de organização social e ideológica. Oliveira(1999), analisou através da cerâmica Maxakali todos os aspectos cotidianos do

grupo, como organização social, divisão sexual do trabalho, parentesco, entre outros. A autora notavelmente observou na atualidade que este grupo, mesmo diante da substituição da cerâmica por utensílios de metais, as mulheres principalmente idosas continuaram a produzir objetos cerâmicos como proposta de repassar este conhecimento para as futuras gerações, somando assim a importância da preservação da identidade cultural Maxakali para o grupo. Silva(2001), propõe uma metodologia interessante, além das atividades de campo, se utiliza das coleções museológicas, buscando o compreendimento do modelo etnoarqueológico dos grafismos, em geral identificados pelos cestos e nas pinturas corporais, analisando as semelhanças entre sociedade presente e passada, no caso os Proto Jê e Jê atuais. Para isso insere o grupo Kaingang dentro dos acervos museológicos, afins de identificar e assimilar a cultura material deste grupo atual com a sociedade remanescente.

CAPÍTULO 4 : ETNOARQUEOLOGIA E COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS

As coleções museológicas podem estar ligadas aos trabalhos de Etnoarqueologia desde a fase pré-campo, quando podem contribuir com informações que auxiliem no planejamento da pesquisa, até a fase de conclusão, uma vez que os registros e coletas do etnoarqueólogo podem resultar em si numa coleção de importância museal.

Uma coleção museológica, especialmente no que diz respeito aos objetos, poderia ser considerada a materialização da organização do conhecimento acerca da cultura material de um grupo. Mas não somente a seleção de objetos em si deve ser considerada para este tipo de coleção, pois também as notas e os registros fotográficos adquiridos pelo etnoarqueólogo, por meio do método da Etnoarqueologia, seriam parte fundamental deste conjunto.

Evidentemente, para que tenham esta tal importância para a Etnoarqueologia, as coleções deveriam atender a alguns aspectos ideais, desde os aspectos básicos como origem e datação, até aspectos essencialmente étnicos, em que os objetos pudessem portar ao museu um significado muito próximo do que ele possui de fato dentro do grupo de onde tenha vindo. Neste capítulo, serão apresentados a problemática desta fase e exemplos que ilustrem dificuldades e soluções dentro desta relação “Etnoarqueologia e coleções museológicas”, com vistas a discutir estes aspectos ideais.

No primeiro exemplo estudado, será analisado o trabalho de Da Silva (2008), sob o título “Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguaros”. Este trabalho analisa diversas coleções no estado do Rio Grande do Norte, a maioria delas relacionadas à pré-história brasileira. Embora a Etnoarqueologia foque, em parte, na história de comunidades vivas, este trabalho será utilizado para traçar pontes entre coleções de natureza pré-histórica e histórica, e em como podem ser úteis para a Etnoarqueologia. Por meio deste trabalho, também será possível traçar quais são as dificuldades de se utilizar uma coleção museológica para estudos etnoarqueológicos, devido à problemática da organização de uma coleção, principalmente seu significado, quando fruto de um isolamento das coleções no tempo e no espaço.

O segundo exemplo abordado é o do trabalho de Fürbringer (2013), sob o título “Coleções etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações”. Neste trabalho, a autora apresenta o processo de reapropriação e ressignificação das coleções do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, que colecionara objetos indígenas posteriormente doados ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina, além da recuperação de uma série de diapositivos e anotações de campo.

No primeiro processo, toda a coleção do museu é reclassificada desta vez com a participação ativa de estudantes indígenas, enriquecendo a coleção de significado realmente étnico e histórico, oriundo de um grupo que teve contato direto com aquela história. No segundo processo, toda a coleção recuperada consiste nas observações e notas do pesquisador, organizadas por técnicos do museu e por indígenas, servindo de exemplo de como o conhecimento etnográfico pode chegar à academia por meio dos olhos de diversos agentes.

Apesar de possuir uma abordagem essencialmente antropológica e etnográfica, o trabalho de Fürbringer (2013) serve de perfeito exemplo da problemática enfrentada pelo etnoarqueólogo, que não deixa de ter na antropologia e na etnografia instrumentos de trabalho, no seu caminho de entendimento da cultura material de um grupo.

Já o terceiro exemplo estudado é o trazido por Vidal (2013), em seu trabalho “O Museu Kuahí: uma inserção dos povos indígenas do Baixo Oiapoque no contexto regional e nacional”, no qual a coleção museográfica abordada não é reapropriada/ressignificada, mas justamente porque é montada desde a origem pelo próprio grupo ao qual a coleção diz respeito, numa tentativa de imbuir portanto o maior significado étnico possível à coleção. Este é um tipo de trabalho que provavelmente deve servir ao etnoarqueólogo como preciosa fonte de estudo para o começo de suas pesquisas.

Estes três trabalhos certamente não esgotam o tema, por si só amplo e complexo. Mas delineiam muito bem três situações que são inerentes ao trabalho do etnoarqueólogo, quando este considera as coleções museográficas como fonte de estudo.

Isto porque em Da Silva (2008) vemos a situação em que importantes coleções encontram-se isoladas, sem articulação e quase que sem memória, uma realidade que provavelmente será comum ao etnoarqueólogo quando este iniciar suas pesquisas.

Em Fürbringer (2013), temos a análise de uma coleção nascida de trabalho metódico de um pesquisador e reorganizada com a participação ativa de técnicos e representantes étnicos.

Vidal (2013), temos a realidade em que a construção da coleção se dá essencialmente pela ação dos representantes étnicos aos quais a coleção diz respeito. Enquanto a primeira situação é essencialmente negativa para o saber e representa um problema que deve ser encarado seriamente por qualquer cientista, as duas situações seguintes representam situações positivas, embora com abordagens ligeiramente diferentes: uma em que o primeiro agente é o do pesquisador, e o grupo étnico entra como agente posterior; e outra em que o principal agente é o da etnia, atuando o pesquisador como assistente na organização da coleção.

4.1. “Musealização da Arqueologia: diagnóstico do patrimônio arqueológico em museus potiguares”

Da Silva (2008) foca seu trabalho na análise crítica da situação das coleções arqueológicas presentes nos museus Câmara Cascudo, Lauro da Escóssia, Museu do Seridó, Museu do Sertanejo e Museu de Soledade, que constituem diferentes realidades institucionais, seja na natureza do próprio museu (alguns universitários, outros municipais) ou na forma como disponibilizam seus acervos. Porém, um aspecto os une: um certo descaso, justificado de diversas maneiras, em relação ao valor de suas coleções.

Este descaso, descrito numa série de “camadas de relações” que Da Silva (2008), baseado em Bruno (1995), chama de “estratigrafia do abandono”, relaciona-se ao isolamento e até mesmo ao esquecimento destas coleções e museus, que desde sua remota origem não se articularam com as memórias locais e regionais. Um problema que extrapola as preocupações da Etnoarqueologia, pois, como lembra o próprio autor,

estas coleções, que datam do século XIX, sendo formadas essencialmente por artefatos arqueológicos, marcam a origem institucional da Arqueologia Brasileira.

Estas situações exemplificam perfeitamente os problemas que o etnoarqueólogo pode enfrentar ao recorrer a coleções e museus para enriquecer seus estudos sobre a cultura material de um grupo. Embora grande parte das coleções analisadas por Da Silva (2008) sejam de natureza pré-histórica e nem sempre passíveis de se relacionar como comunidades vivas, para a Etnoarqueologia é essencial que uma coleção museológica de natureza arqueológica possa representar a cultura material de um grupo sem limitar-se a este ou aquele aspecto, mas podendo abranger a etnia em geral. De fato, este ponto de vista está em harmonia com a própria ideia do método etnoarqueológico e com o entendimento descrito por Da Silva (2008) sobre o que seria patrimônio arqueológico:

Nossa ideia de patrimônio, implícito aí também a ideia de patrimônio arqueológico, é mais ampla. Envolve o fato de percebermos que artefatos, construções, saberes, fazeres e o ambiente se interconectam, de modo que podemos pensar em relações homem-artefato, natureza-homem, e assim sucessivamente (Da Silva, 2008:17).

O trabalho de Da Silva (2008) segue com uma série de considerações que interessam a qualquer arqueólogo, mas as observações acima em especial se harmonizam com a Etnoarqueologia. Esta surge como um sujeito capaz de contribuir com mudanças que tirem as coleções de seus isolamentos, sejam sociais ou teóricos, e as tragam para as comunidades, sejam os próprios grupos ou a comunidade acadêmica, um trabalho muito próximo da antropologia, etnografia e principalmente museologia, um caráter multidisciplinar que enriquece as ciências como um todo, incluindo a arqueologia.

Esta transformação, sem dúvida, daria às coleções um potencial informativo e comunicativo no que diz respeito ao conhecimento arqueológico, histórico-cultural e ao campo da educação em geral, como conclui o próprio DA SILVA (2008).

4.2. “Coleções etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações”

O trabalho de Fürbringer (2013) aborda um aspecto do colecionismo nas pesquisas antropológicas baseado nas coleções do antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, fruto de décadas de pesquisa, posteriormente doadas ao Museu de Arqueologia e Etnologia (Marque) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). São coleções que consistem em objetos, mas também em centenas de diapositivos e anotações de campo.

Na primeira parte de seu trabalho, a autora fornece uma discussão teórica e histórica sobre museus e o papel das coleções no desenvolvimento de pesquisas, principalmente no que diz respeito à antropologia, mas são anotações de grande valor também para a Etnoarqueologia, uma vez que esta pode se beneficiar de tais coleções na sua busca do entendimento de grupos específicos.

No caso das coleções analisadas pela autora, que compõe o acervo de Etnologia Indígena do Marque, estas passaram por um interessante processo de reapropriação. Tendo enfrentado problemas históricos, o Marque passara por um período de inatividade longo, e fora reinaugurado com uma coleção sobre os ticunas, seguida da disponibilização de outras partes da coleção, com destaque para a da etnia Xokleng. A princípio, as coleções foram disponibilizadas para público como fruto do trabalho de técnicos do museu, mas que avançou para um trabalho de “curadoria compartilhada de longa duração”, isto é, que hoje integra técnicos do museu e indígenas.

Vale destacar que a UFSC já possui uma atividade prolífica no que diz respeito ao estudo da cultura indígena, inclusive com um curso de Licenciatura Indígena que abrange pelo menos as etnias Guarani, Xokleng e Kaingang.

Devido a este novo fluxo de indígenas, agora estudantes e sujeitos diretos na universidade, pode-se dizer que o processo de reapropriação do acervo indígena do Marque não aconteceu, mas está e estará acontecendo na medida em que as novas gerações puderem contribuir com o significado das coleções. É interessante reproduzir a fala de uma das alunas do curso citado, da etnia Xokleng, registrada pela autora, quando estes passaram a ter contato com as coleções:

Conhecia mais por desenho, por foto, nunca tinha visto assim. Então teve sim coisas né, a lança com formato diferente, o que a gente produz lá é muito diferente das de antigamente. Quando eu cheguei aqui, quando eu entrei a primeira vez no museu eu me senti uma pessoa que

praticamente não conhecia nada, entendeu? Me senti pequenininha ali dentro, sabe? Aí quando eu cheguei em casa, fui comentando com as crianças, com meu pai com minha mãe, da importância da nossa cultura, como ela é importante.

Este tipo de testemunho é justamente o que o etnoarqueólogo busca, ao fazer a ligação entre presente e passado, uma prova de como podem ser importantes os museus na pesquisa da Etnoarqueologia, especialmente quando ressignificados por comunidades vivas diretamente relacionadas às coleções.

Os exemplos descritos por Fürbringer (2013) são provavelmente os mais recomendados para os etnoarqueólogos que possam contar com museus como umas das fontes de partida para suas pesquisas, pois são acervos que, como conclui a autora, tiveram ou têm a contribuição de diversos sujeitos na construção de seus significados, tanto pesquisadores, quanto técnicos e representantes étnicos.

4.3. “O museu Kuahí: uma inserção dos Povos indígenas do Baixo Oiapoque no contexto regional e nacional”

A pesquisadora Dra. Lux Boelitz Vidal (2013), especialista em etnologia indígena no Brasil, apresenta em seu artigo a construção de um museu constituído por coleções museográficas dos indígenas da região do Baixo Oiapoque. Este artigo cita o Museu Kuahí, dos povos indígenas do Oiapoque, instalado desde 1998, na região do Amapá.

O objetivo do trabalho é o funcionamento e desenvolvimento de uma instituição museológica regional, que pretende abrigar, preservar e divulgar o acervo cultural dessas populações, incentivando a capacitação de técnicos em museologia, professores e pesquisadores indígenas. A autora faz uma abordagem histórica entre as décadas de 80 e 90. Esse marco temporal alavancou as exposições etnográficas dos povos indígenas no território brasileiro. A criação deste museu, possibilitou a exposição de pelo menos 4 grupos étnicos da região, promovendo assim uma herança indígena cultural, através dos objetos vistos e visitados nas exposições museográficas.

A antropóloga Lux Vidal teve participação ativa na construção do museu com museólogos e outros profissionais, dedicados à cultura indígena, juntamente com a população indígena. É importante, dizer que este trabalho se deu através da contribuição entre “pesquisador e indígena”, visando não apenas a um olhar científico, para a cultura material indígena, mas espelhando uma visão cosmológica, real da sociedade em si estudada, que participaram de todo esse processo museológico. (consultar anexos)

A diferença entre os trabalhos descritos por Fürbringer (2013) e Vidal (2013) estão nos seguintes aspectos: no primeiro, os acervos foram obtidos pelo pesquisador e posteriormente ressignificados também por representantes étnicos; no segundo, o acervo fora montado com participação ativa dos representantes étnicos, e os pesquisadores e técnicos entraram com a garantia de que este acervo fosse organizado seguindo um método científico.

Ambas as abordagens são válidas e constituem exemplos valiosos de acervos que podem ser usados por etnoarqueólogos em suas pesquisas.

As coleções museológicas, sem dúvida, abrem margem de espaço para diversos tipos de pesquisadores, e consequentemente podem ser trabalhadas por etnoarqueólogos, que poderão recorrer, além das pesquisas de campo, para as coleções museológicas, constituindo-se assim novas abordagens e metodologias em prol da Arqueologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho conseguimos estabelecer um contexto histórico da Etnoarqueologia na formalização de seus respectivos períodos e autores. Dando uma continuidade histórica da Etnoarqueologia no mundo e no Brasil, se utilizando das ideias e opiniões, à luz de alguns autores sobre um conceito geral deste estudo. Obviamente, ocorreu um choque de interpretações distintas no que corresponde ao estudo etnoarqueológico na visão destes pesquisadores. Mas independentemente desse fato, os pesquisadores defendem em suas pesquisas que a oralidade dos grupos são ferramentas fundamentais nas discussões sobre Etnoarqueologia. Desta maneira, a Etnoarqueologia é uma forma eficiente de estudo, tanto a nível de entendimento da cultura material e do cotidiano de uma determinada sociedade.

Observamos que diversos autores, utilizam de uma arqueologia ora processual e ora pós processual, abrangendo questões onde a Etnoarqueologia pode ser vista de forma analógica ou interpretativa. Evidenciando assim, novas técnicas e abordagens para compreender a funcionalidade dos objetos, as estruturas sociais, econômicas e culturais presentes nas sociedades. Percebe-se que um dos pesquisadores que mais se atentaram a realizar interpretações e significados, foi o pesquisador argentino Gustavo G. Politis.

Nos aspectos teóricos da Etnoarqueologia enfatizamos, David e Kramer (2001), Castañeda (2008) e Poloni (2008), ambos tem o mérito de consolidar uma visão geral da Etnoarqueologia e seu método. Mas Politis (2002), além dos trabalhos de gabinete e campo, merece destaque, pois consegue adquirir conclusões de forma prática, ou seja utilizando da metodologia em seus diversos trabalhos de cunho etnoarqueológico realizados na América do Sul.

Concordamos com Poloni(2008), que a atividade pré-campo e campo contribui de fato para a Arqueologia. Esta autora esclarece que um planejamento sistemático nas fases de campo, contribui para um estudo qualitativo na Etnoarqueologia, que pode ser aplicado tanto a níveis nacionais e internacionais de pesquisa. Não há dúvidas, que o planejamento de campo, é necessário e extremamente útil para o Arqueólogo, mas entretanto o pesquisador precisa estar em mente, que as interpretações podem ser iniciadas desde a fase pré-campo, cabendo no término do trabalho uma revisão interpretativa e conclusiva de sua pesquisa.

Tanto nos artigos de Silva e Scabello (2013), sobre a cerâmica Poti e Mazz (2000), cerâmica Mati, usam a Etnoarqueologia na compreensão das narrativas entorno dos objetos. Já Politis (1996), em seu artigo com referência aos caçadores-coletores na América do Sul, aborda uma arqueologia pós-processual, buscando entender o conjunto espacial de assentamentos, no entendimento dos aspectos culturais e econômicos do grupo.

Oliveira (1999), em sua dissertação referente a região nordeste de Minas gerais, sobre a cerâmica Maxakali, se destaca pela análise sistemática, trabalhando com questões de gênero e espaços, uma participação ativa com os jovens por meio dos desenhos elaborados pelos próprios indígenas. Ou seja a autora levou em consideração não apenas a sua concepção de intelectual, mas conciliou os estudos participativos entre pesquisador e comunidade.

Silva(2001), em sua tese, o autor realiza etapas de campo em cunho etnoarqueológico, além disso utiliza o levantamento das coleções museológicas para compor sua pesquisa. Utilizando dessa metodologia “campo e coleções museológicas”, em proveito para se obter ainda mais informações de relevância significativa, deste grupo estudado,(Kaingang) em prol da Arqueologia.

Destacamos nesta pesquisa a tentativa de abordar a relação entre “Etnoarqueologia e coleções museológicas” conjuga a união de diversos campos do conhecimento, não só a Arqueologia e a Museologia em si, mas também a Antropologia etc. Além disso, a problemática dos museus em nosso e em muitos outros países toca problemas não só sociais, mas essencialmente culturais, como a desvalorização deste campo do saber pelos mais diversos motivos (sociais, étnicos, históricos, comerciais etc.). São realidades que afetam a Etnoarqueologia, uma vez que as coleções museológicas poderiam servir de importante fonte de estudo para o pesquisador.

Deste modo, a Etnoarqueologia pode contribuir, uma vez que o estudo etnoarqueológico pode resultar numa coleção de objetos e informações metodologicamente organizada e pode chamar a atenção da academia e da sociedade para grupos étnicos que estejam esquecidos, isolados ou que não tenham sido estudados de forma metódica e consistente, inclusive de forma que inclua a participação (ativa ou indireta) destes grupos.

Durante o processo da revisão bibliográfica dos autores e estudos correlacionados a Etnoarqueologia, analisamos da seguinte forma:

1° Castañeda (2007), propõe uma abordagem teórico-metodológica, compatível na visão de diversos autores, relacionados a estudos atuais na Etnoarqueologia.

2° Politis (1998) pensa a Arqueologia em variados aspectos, utiliza de uma Arqueologia pós-processual, que pode ser utilizada desde a fase pré-campo e campo, contribuindo para a Etnoarqueologia. Vindo assim a somar novas técnicas e abordagens, para compreender a funcionalidade dos objetos, as estruturas sociais, econômicas e culturais presentes nas sociedades.

3° Silva (2001), faz uso da Arqueologia cognitiva diante das etapas de campo, no estudo etnoarqueológico dos grafismos Kaingang. Além disso recorre à coleções museológicas e ações participativas do grupo estudado, este método agrega ainda novas informações dos grupos étnicos, que inclusive podem servir de referência aos futuros pesquisadores.

Mesmo diante das escolas teóricas distintas, os três autores em questão possuem um imenso valor, tanto em conhecimento teórico e metodológico. Meu objetivo não foi definir o conceito de Etnoarqueologia, mas perceber o percurso deste conceitos nos trabalhos realizados no âmbito das discussões arqueológicas. Sendo possível o pesquisador utilizar-se destes conceitos em uma metodologia conjunta, em seus respectivos trabalhos de acordo com a sua necessidade em suas pesquisas, gerando assim grandes resultados tanto na Etnoarqueologia, como consequentemente na Arqueologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTAÑEDA, Quetzal E. The “ethnographic turn” in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. In: CASTAÑEDA, Quetzal E., MATTHEWS, Cris N. (Eds.). **Ethnographic Archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices**. Lanham: Altamira Press, 2008. p. 119-138.

DANTAS, Beatriz G., SAMPAIO, José Augusto L. e CARVALHO, Maria do Rosário G. Os povos indígenas no nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: FAPESP/SMC/ Companhia das Letras, 1993. p. 431-456.

DAVID, Nicholas & KRAMER, Carol. Teorizando a etnoarqueologia e a analogia **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 13-60, dezembro de 2002.

_____. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge University Press, Cambridge, 1979.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Etnoarqueologia aplicada à elaboração dos laudos**

antropológicos sobre as terras indígenas Buriti (Terena) e Ñande Ru Marangatu (Kaiowá) em Mato Grosso do Sul. In: *II Jornada de Arqueologia no Cerrado: múltiplas abordagens e interdisciplinaridade*. Goiânia, 2010.

_____; PEREIRA, Levi M. Reconhecimento de territórios indígenas e quilombolas em Mato Grosso do Sul: desafios para a antropologia e a arqueologia em ambientes colonialistas. In: AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas, EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge, PEREIRA, Levi Marques (Orgs.). **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia e antropologia em aplicação**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2010. p. 185-208.

FÜRBRINGER, Nádia Philippsen. **Coleções Etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo.** Novas articulações e ressignificações. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.p.19-125.

MAZZ, José María López.**Para uma Etnoarqueologia da Cerâmica Mati.**Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação. Universidad de la República. Montividéo, Uruguay, 2008.p.45-60.

OLIVEIRA, Luciane Monteiro. **A produção cerâmica como reafirmação de identidade étnica Maxakali:** um estudo etnoarqueológico. Universidade de São Paulo (USP),1999.p.08-145.

POLITIS, Gustavo. **Aplicaciones de la etnoarqueología para interpretar el registroarqueologico de los cazadores-recolectores del pasado:** tres ejemplos de América delSur. In: AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas, EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge, PEREIRA, Levi Marques (Orgs.). *Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia e antropologia em aplicação.* Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2010. p. 275-328.

POLONI, Rita Juliana Soares. **A Etnoarqueologia no Brasil:** Ciência e sociedade no contexto da redemocratização. Faculdade de Ciências humanas e sociais. Universidade do Algarve, 2008.p.9-142.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. **Arqueologia em perspectiva:** 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. Museu de Arqueologia e Etnologia Universidade de São Paulo. REVISTA USP, São Paulo, n.44, p.10-31, dezembro/fevereiro 1999-2000.

SCABELLO, Andreia Lourdes Monteiro & SILVA, Suianny Alves. **O Poti Velho:** uma abordagem etnoarqueológica. Publicação Revista Faculdade Santo Agostinho, Teresina-Piauí, 2013.

SILVA, Abirão Sanderson Nunes F. **Musealização da Arqueologia:** Diagnóstico do patrimônio Arqueológico em Museus Potiguares. Universidade de São Paulo (USP), 2008.p.13-159.

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material.** Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP), 2009. p.121-139.

SILVA, Sérgio Baptista. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang:** um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. Universidade de São Paulo (USP). Departamento de Antropologia, 2001.p.6-315.

ANEXOS

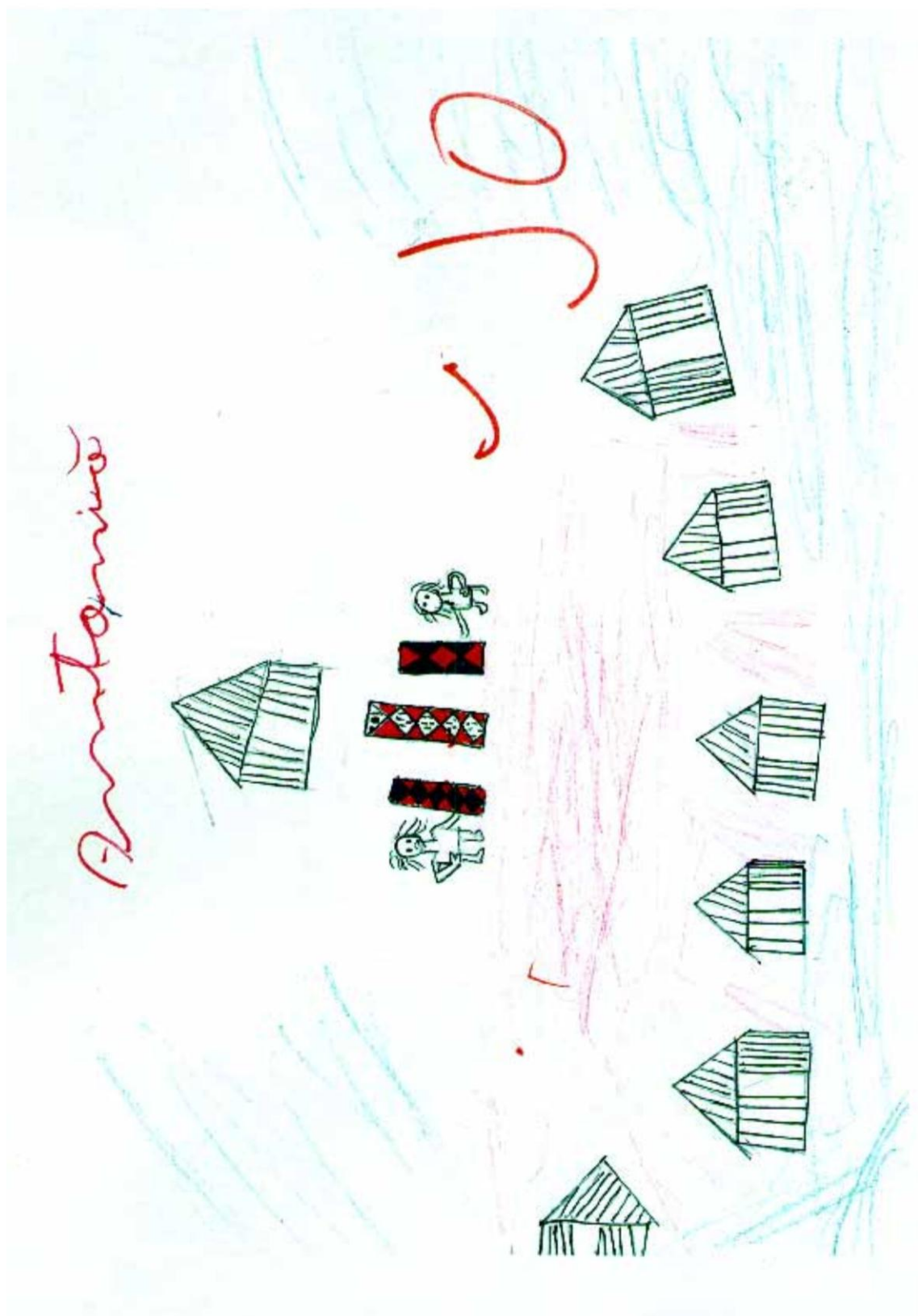


Foto: OLIVEIRA (1999)



Foto: OLIVEIRA (1999)



Percepção da espacialidade

Foto: OLIVEIRA (1999)

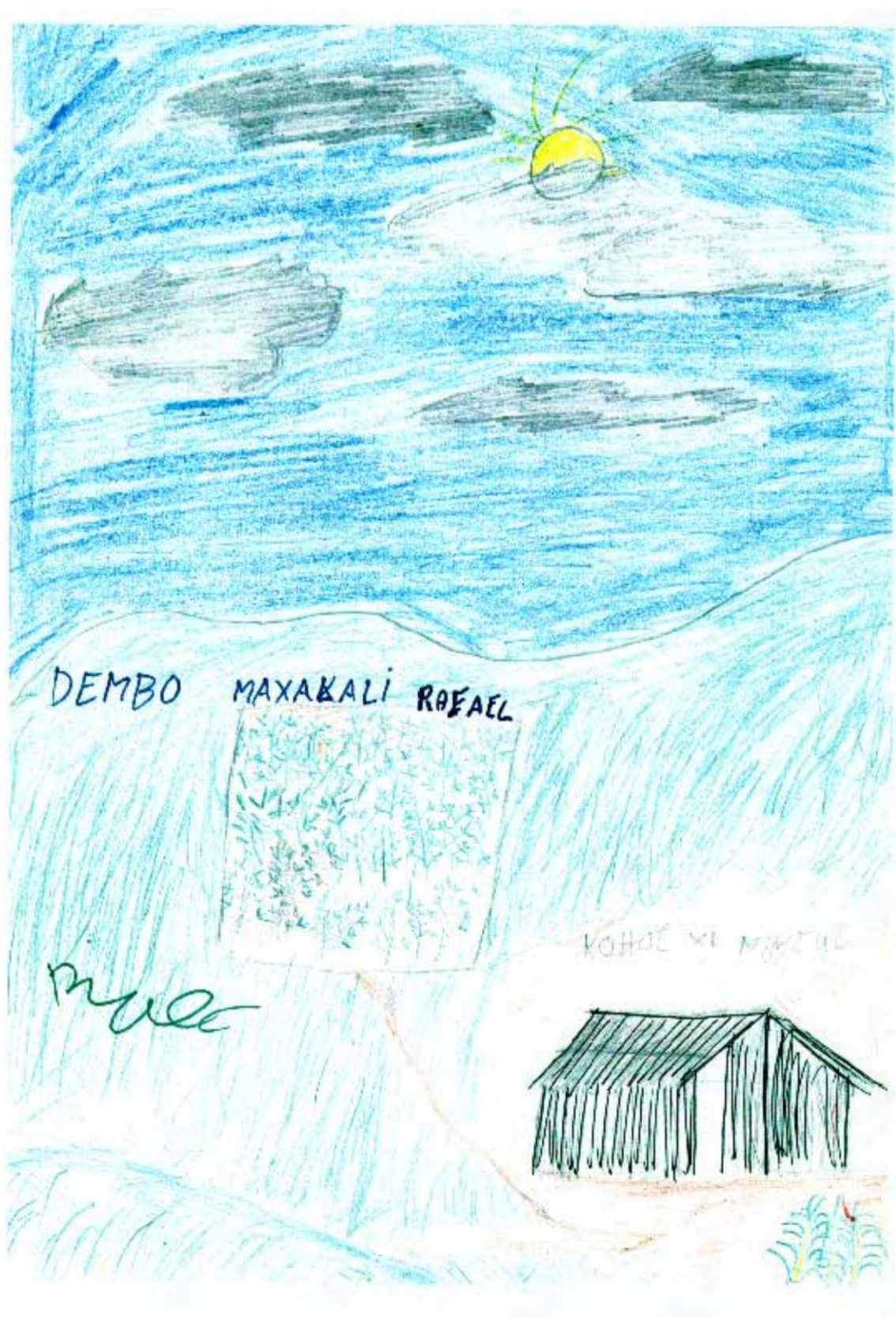


Foto: OLIVEIRA (1999)



Foto: OLIVEIRA (1999)



Foto: OLIVEIRA (1999)



Foto: OLIVEIRA (1999)



Foto: OLIVEIRA (1999)

Anexo 9 -



Interior do museu Kuahí e seu acervo museológico. Foto: Vidal (2008).

Anexo 10 -



Indígenas, técnicos e pesquisadores envolvidos no trabalho do Museu Kuahí. Foto: Vidal (2008).